

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

MARÇO DE 1959

N.º 3



BLUMENAU em CADERNOS

Tomo II

MARÇO DE 1959

N.º 3

OS RIOS ITAJAÍ GRANDE E ITAJAÍ-MIRIM

DESCRITOS POR VAN LEDE

As páginas que se seguem foram traduzidas da obra — *De la Colonisation au Brésil — Mémoire historique, descriptif, statistique et commercial sur — LA PROVINCE DE SAINTE CATHERINE — Bruxelles — A la Librairie Polytechnique d'Aug. Decq. — 1843*, de autoria de Charles van Lede, que, em 1842, percorrerá grande parte de Santa Catarina, à procura de local para o estabelecimento de uma colônia belga.

O Itajaí Grande, que, entre os seus afluentes, conta um braço inexplorado que se dirige para o sul, e que se diz ser navegável em grande extensão, assim como o rio **Bendito** e o **Luis Alves**, recebe perto de sua foz as águas do **Itajaí-Mirim**, do qual falaremos mais adiante. Este rio, o maior da vertente oriental da Serra Geral, na província de Santa Catarina, tem suas nascentes nos Campos Gerais ou Campos de Cima da Serra. Atravessa a Serra Geral por um largo e profundo rasgão, na saída do qual parece tornar-se navegável até ao salto, a cerca de trinta léguas de sua embocadura. Subimo-lo desde o mar até a este salto e até a esse lugar o levantámos e sondámos. Nenhum obstáculo apresenta êle à navegação. Sua largura média, nesta parte, é de 100 a 300 metros. A maré nele se faz sentir quase até à sua confluência com o Luis Alves. A maior velocidade de sua correnteza é de 2.000 m. por hora, e isto somente perto do salto. Na época em que o remontámos estavam as águas um pouco baixas. Tínhamos o maior desejo de fazer o reconhecimento deste rio até às suas nascentes, mas com as dificuldades insuperáveis que nos opunham as matas virgens e os acidentes do terreno para subirmos além do salto com a nossa embarcação, infelizmente muito pesada (um pequeno iate), o tempo restrito que nos era concedido para percorrer esta interessante província, e os fracos recursos de homens e de viveres de que podíamos dispor, teria sido temerário e inútil experimentar. É trabalho que legamos aos nossos sucessores, que para suas fadigas não de achar larga compensação na beleza da região e no majestoso aspecto da Serra Geral vista destas matas virgens.

Acha-se a embocadura do Itajaí Grande a 26° 54' 41" de latitude; é facilmente reconhecido pela ponta do **Itapocoroia**, pela da **Cabeçada**, pelo morro de **Itajaí** e ao longe pelo **Baul**, semelhante a um enorme cavaleiro que domina as cercanias. Infelizmente é sua embocadura obstruída pelas areias que, nas grandes enchentes, suas águas trazem em suspensão e depositam desde que diminui a velocidade de que são animadas, e seria perigoso tentar a entrada

dêste rio com mais de dez pés de calado. Cuidadosamente sondámos a entrada dêste pôrto, e com maré baixa não achámos menos de duas braças e meia d'água. O canal não é difficil de distinguir, e temos a convicção de que êste pôrto poderia ser facilmente melhorado.

Mas antes de empreender um trabalho de tal importância, seria necessário fazer um estudo mais aprofundado do que aquêle a que tivemos tempo de nos consagrar, e não seria sufficiente senão a permanência de muitos anos nos lugares, para bem reconhecer as influências que as grandes cheias exercem nas correntes e nos bancos que se acham na entrada dêste belo rio.

O Itajaí-Mirim, um dos afluentes do Itajaí Grande, é notável pelas numerosas voltas, pela profundidade, pela tranqüillidade das águas, pelo pitoresco das margens e pela fertilidade das terras que atravessa. Subimo-lo em longa extensão, muito além de qualquer habitação, até ao Taboleiro; fizemos o levantamento de tôdas as suas sinuosidades, medimos tôdas as profundidades e, salvo ligeiros obstáculos determinados pela grande quantidade de árvores que êle arrasta em suas grandes enchentes, e das quais algumas lhe atravancam o leito, é êste rio navegável por embarcações de calado bastante grande. Será êle um grande auxilio para as communicações com o interior, porque se diz que é possível subí-lo até ao primeiro salto, e daí até ao pé do Morro Grande, que fica na estrada do Destêrro a Lajes pelo Trombudo. A maré sente-se nele até ao Taboleiro. O terreno que atravessa é plano, e parece que nenhum obstáculo se opõe à sua junção com o rio Conceição, um de seus afluentes, que é muito profundo, assim como com o Camboriú-Guaçu, o Piraquê-Guaçu e o Tijucas. Na parte em que o subimos, a velocidade da correnteza dependia da maré, a largura variava entre os limites de 50 a 70 m. e a profundidade entre 7 e 10 metros; suas nascentes encontram-se além do Campo da Boa Vista, na Serra Geral e no grande contraforte que termina pelo Cambirela. Três de seus braços são atravessados pela estrada do Trombudo; a duas léguas dali êles se reúnem e o rio parece tornar-se navegável. O primeiro dêsses braços, a partir de leste, tem 27 metros de largura; em tempo de seca pode ser transposto a pé enxuto, de pedra em pedra, mas depois dos temporais e das grandes chuvas, torna-se o seu curso tão impetuoso que seria perigoso atravessá-lo ainda em canoa, e, por falta de ponte, ficam então interrompidas as communicações até à baixa das águas. O segundo braço, para o poente, não tem mais de 22 metros de largura, e o terceiro, 16 metros no lugar em que atravessa esta estrada; suas águas, dependendo das mesmas influências, sofrem as mesmas variações que as do braço predito. — Pags. 101 a 104.

A freguesia de Itajaí compõe-se de umas cinqüenta casas dispersas pelas margens do rio, perto de sua foz e ao longo da praia. Tem uma igrejainha, alguns pequenos estaleiros; é sede dum juizado de paz e residência dum tenente-coronel da guarda nacional. Para estas duas autoridades tínhamos cartas do presidente, que nos apressámos em entregar.

O Coronel Agostinho Alves Ramos acolheu-nos perfeitamente e pôs à nossa disposição um iatezinho no qual subimos o Itajaí Grande. Aproveitámos esta ocasião para levantar-lhe o curso, que não era conhecido, e para o sondar em todo seu desenvolvimento.

Como pode ser interessante saber sôbre que documentos nos apoiámos para a organização da carta da provincia de Santa Catarina que acabámos de publicar, transcrevemos no fim do volume a minuta do reconhecimento que fizemos do Itajaí Grande, e pensamos que se há censura que a êsse respeito se nos possa fazer, é talvez a de ter êle sido de exatidão excessivamente minuciosa.

A parte do rio que se acha além do salto, foi levantada com bússola pelos antigos engenheiros portuguezes. Não a julgamos muito exata; mas o inspetor Almeida, de quem tivemos ocasião de falar na minuta dêsse reconhecimento deu-nos um outro levantamento, em parte feito por êle mesmo, que concordava muito bem com o traçado portuguez. Foi sôbre êsses dois traçados, modificados de acôrdo com a topografia particular do país, que ajustámos o que damos na carta já citada; e cremos que assim o curso dêste rio fica sufficientemente conhecido para o momento.

Chegados a dois quilômetros da grande queda (salto) do Itajaí Grande, achamos as águas em estiagem, a correnteza muito forte, a equipagem fatigada,

e a cada momento algum banco ou escolho contra o qual nos íamos chocar. Resolvemos, pois, fazer o resto do caminho a pé, e atracámos na margem direita em um lugar onde outrora alguns moradores tinham construído uma choupana em que se refugiavam de noite, durante o tempo em que ficavam no mato para extrair algumas dessas árvores seculares que aí se acham em tão grande abundância.

Conduzidos pelo nosso bom guia, o inspetor Almeida, encaminhámo-nos através da floresta para o salto, com a bússola na mão, porque estas florestas são tão cerradas que, a maior parte do tempo, quando cinco pessoas marcham em fila, a última não vê quase nunca a primeira. Nosso guia dizia conhecer o caminho, e eis o que aconteceu: tínhamos desembarcado precisamente num ponto de terreno fracamente acidentado, e como havia ainda vestígios de uma picada, conforme êle nos prevenira, marchámos alegre e desembaraçadamente para a aventura; mas, mal tínhamos avançado um quilômetro, começaram as dificuldades. Já a bússola para nada mais nos servia, porque os troncos enormes que se encontravam em tôdas as direções não deixavam colocar as balisas; a estreita picada tinha desaparecido completamente e estava substituída por uma multidão de obstáculos criados em parte pelas árvores apodrecidas em pé ou derribadas cá e lá, e que era preciso escalar por causa de seu enorme tamanho; pouco depois sobrevieram as lianas por cima, os aloés, as bromeliáceas por baixo, e tôda a vigorosa vegetação brasileira através da qual era forçoso abrir passagem a machado ou a facão. Enfim, a ausência do sol, que raramente penetra através das abóbadas verdejantes destas vastas solidões, e que não permite que a gente se dirija por sua luz, veio ainda aumentar as dificuldades que começavam a opor-se à nossa marcha; mas a isso não deviam limitar-se as nossas fadigas, porque era fácil de prever que para subir da planície, em que corria a parte do rio que acabávamos de deixar, para o planalto em que estava o leito que se achava além da queda, teríamos de atravessar um terreno muito acidentado e foi o que de fato aconteceu (*). A muito custo, depois de vencidos outros obstáculos, ainda conseguimos percorrer um quilômetro em tôdas as direções. Tínhamos à nossa frente morros entrecortados por profundas barrocas, que precisávamos franquear; descer pelas encostas era quase impossível; subir depois seria mais difícil. Assim mesmo, tentámos, e, após muito trabalho, conseguimos galgar dois dêles. Avistando a pequena distância uma clareira na floresta, e guiados pelo fragor da queda d'água que supúnhamos não achar-se muito longe, encaminhámo-nos para ali; mas qual não foi a nossa surpresa, em chegando à margem do rio, vermos, dois quilômetros abaixo, a nossa embarcação que continuava amarrada no mesmo lugar em que a deixáramos! Era uma hora e trinta minutos; havíamos partido às dez horas e meia, e assim, em três horas, percorrêramos apenas a quinta parte do trajeto. Cansados, deliberámos renunciar a empresa que tentáramos realizar, levados por muito natural curiosidade. Efetivamente, era perigoso e inútil persistirmos: entardecia e não havia mais tempo para chegarmos até ao salto; o nosso guia perdera os vestígios do caminho antigo e, como os outros homens da expedição, tinha pressa em regressar; não leváramos víveres e pela ribanceira do rio não era possível caminhar, pois atolariámos até aos joelhos. Não fosse a estiação, chegaríamos ao salto; mas com a água na altura em que se achava, nada podíamos fazer.

E verdade que se houvéssemos previsto as dificuldades por que passámos, teria sido bem mais simples meter-nos seriamente à obra e abrir um caminho em linha reta; assim, pelo menos, teríamos evitado as inúmeras voltas a que nos vimos forçados fazer. Mas existia outra impossibilidade: possuíamos apenas um machado e assim mesmo em péssimas condições. Essa pequena excursão foi, pois, uma lição e desejamos que ela possa aproveitar aos que, depois de nós, pretenderem realizar idêntico empreendimento. Cansados, voltámos em busca de nossa embarcação, prestes a jogar ao solo as nossas armas como maus soldados, a fim de aliviar-nos de um fardo que se tornara demasiadamente pesado, e às quatro horas e meia descemos tranqüilamente o rio, levados pela

(*) A presente tradução foi feita, até este ponto, pelo Des. Henrique Fontes, e daqui em diante, pelo Sr. Carlos da Costa Pereira.

correnteza. As seis horas, parámos na casa do inspetor Almeida, na ilha Belchior, onde então estava morando. Ele deitara-se imediatamente, vencido pela fadiga. Nós pernoitámos na margem do rio e no dia seguinte, pela madrugada, continuámos a nossa rota, chegando às nove horas ao sítio de um colono alemão chamado Nicolai. O asseio de sua casa, os instrumentos agrícolas, a abundante provisão que ali havia, a abundância e a felicidade de que ele e os seus parecia gozarem, levaram a lembrar-nos da Bélgica e fizeram compreendermos a importância da empresa que tínhamos de levar a termo. Não pudemos esquivar-nos de comparar a miséria dos nossos com a abundância dessa família alemã, como eles, ainda há pouco tempo vivendo em privações e hoje tão feliz. Quantos dos nossos desafortunados compatriotas poderão encontrar situação semelhante, em troca de sua atual miséria, se mão segura vier oferecer-lhes os adiantamentos necessários para se transportarem para aqui, e quão gratos não ficarão eles aos que lhes fizerem esse pequeno sacrificio, esses modestos adiantamentos de que poderão ter necessidade! Reflexões dessa natureza acudiam-me ao pensamento, quando vieram anunciar que o almoço estava na mesa. Em meio dessa mata virgem, o repasto europeu produziu-nos sensível prazer; terminá-mo-lo em poucos minutos e deixámos o colono Nicolai com certo pesar, após o havermos forçado a aceitar alguma coisa em paga de sua hospitalidade.

A uma hora, achávamo-nos na confluência do Luís Alves com o Itajaí. Ali morava Dom Luís Alves, que deu seu nome ao rio; apressámo-nos a enviar-lhe a carta que tínhamos para ele. O acolhimento a nós dispensado foi perfeito. Enquanto não vinha a refeição que mandara preparar, deu-nos ele muitas informações acêrca da região em que se estabelecera, parecendo-nos, porém, desnecessário transcrevê-las aqui. A casa de Luís Alves, construída na meia-encosta de um morro de grés, na confluência do rio que tem seu nome, com o Itajaí Grande, acha-se situada num local encantador. Descortina-se dali grande parte do curso desse último rio, e, na distância, projeta-se sobre o escuro carregado da mata virgem a côr alegre dos morros desmatados da propriedade de Flôres, de que alguns trechos estavam recobertos de belas plantações de cafeeiros, entremeadas de laranjeiras. Esse desmatamento permitte-nos julgar o que virá a ser esta bela província uma vez cultivada, e a eterna floresta haja desaparecido em parte para dar lugar a sítios tão pitorescos como aquêle que tínhamos diante de nós. As três horas, despedimo-nos de Luís Alves e tornámos a embarcar; segunda-feira, 4 de abril, estávamos de volta à freguesia de Itajaí. Nessa região, chegando-se tarde da noite a uma casa, corre-se o risco de dormir à luz das estrêlas; e isso é compreensível, pois os seus habitantes, forçados a fazer, até certo ponto, o policiamento local, não abrem sua porta a horas tardias. Assim, não quisemos incomodar o Coronel Agostinho Alves Ramos, e resolvemos pernoitar na praia. A temperatura era agradável, o céu conservava-se quase sempre tão sereno, que muitas vezes preferíamos acampar a procurar uma casa; mas o nosso patrão Van Zoite (sic) que era português, fôra, sem sabermos, prevenir o Coronel, que imediatamente nos franqueou sua residência. As atenções que ele nos dispensou, ultrapassaram a tudo a que tínhamos direito de esperar.

No dia seguinte, preparámo-nos para explorar o Itajaí-Mirim, do qual já conhecíamos a importância; mas esta vez, mais bem avisados, substituímos o iate pelas canoas, mais fáceis de governar e com as quais podíamos navegar contra a corrente e atravessar tôdas as passagens.

Na confluência do rio Conceição com o Itajaí-Mirim, o Coronel tinha uma fazenda, onde jantariamos a seu convite. E, enquanto ele despachava os seus negócios, fomos de canoa explorar o rio. Tínhamos de percorrer muitas curvas antes de chegar ao ponto de encontro combinado, devendo o Coronel seguir por terra; assim, apesar dos nossos esforços, fomos os últimos a chegar.

A fazenda do Coronel achava-se situada num local que, nas grandes enchentes, estaria exposta a inundações. O solo ficava cêrca de dois metros acima do nível do rio e tudo estava de acôrdo com uma habitação construída sobre estacas, cujos cabeços ultrapassavam o terreno alguns pés. Ele recebeu-nos com a sua habitual cordialidade, e, enquanto esperávamos pelo jantar, levou-nos ao alto do morro perto de sua casa. Fizemos o trajeto com alguma dificuldade; mas, chegados encima, fomos largamente compensados de nossas

fadigas, pela magnificência do panorama que dêsse lugar se desvendava até onde a vista podia alcançar. Munido de uma bússola azimutal, fizemos imediatamente o levantamento de muitos pontos importantíssimos para a nossa carta, e que já havíamos observado de outros lugares. A nossa frente, desdobrava-se uma imensa planície que, de norte a sul, a perder de vista, estava coberta pela mata virgem, cujas côres ricas e variadas acompanhavam tôdas as ondulações do terreno. Passámos cêrca de meia hora a admirar essa bela cena da natureza, dirigindo-nos depois para a casa do Coronel, onde encontramos o jantar na mesa, e mais alguns convivas. Após uma abundante refeição, despedimo-nos do nosso hospedeiro e penetramos na floresta, subindo o Itajai-Mirim, do qual levantamos tôdas as sinuosidades e profundidades. Achamos desnecessário transcrever aqui a minuta, que, aliás, é idêntica ao modelo adotado para o levantamento do Itajai-Grande. — Nada mais pitoresco nem mais encantador do que a viagem por êsse rio. A luxuriante vegetação que cobria as margens e a que o sol esplêndido do Brasil emprestava um encanto desconhecido das regiões européas, as águas tranqüilas do rio, a velocidade da nossa pequena embarcação que, ao menor impulso, deslizava graciosamente pela superfície líquida, a variedade de pássaros que existiam nessas florestas e que, pela sua bela plumagem e pela diversidade de seu canto, davam vida a essa deliciosa solidão, — tudo isso emprestava o maior encanto à nossa excursão, e, pesarosos, víamos a noite aproximar-se rapidamente, não obstante devêssemos prosseguir em nossa exploração no dia seguinte.

As seis horas, aportámos à margem direita do rio, onde se encontrava a última casa no Itajai-Mirim. Manoel Custódio, seu proprietário, recebeu-nos da melhor maneira possível e ofereceu-nos tudo o que possuía; mas aceitámos apenas pernoitar em seu engenho de farinha de mandioca. Sua fazenda era muito bem organizada; à margem do rio ficava uma serraria manual; mais para trás, numa elevação do terreno, sua casa circundada de alguns cafeeiros, laranjeiras e algodoeiros, uma bela roça de mandioca, outra de milho e feijão, de cana de açúcar e de arroz, e no fundo, a mata virgem, da qual uns trinta hectares tinham sido abatidos e queimados, e que se alargava em hemicírculo ao redor da casa.

No dia seguinte, levámos a nossa exploração até ao Taboleiro, já muito além das terras devolutas da Coroa. E como as particularidades topográficas e hidrográficas, assim como a natureza do solo e da vegetação, continuavam a ser as mesmas e, por outro lado, precisássemos ainda de oito dias, no dizer dos nossos guias, para atingir o salto, resolvemos descer o rio, tendo empregado nessa exploração mais tempo do que nos era permitido. Assim, pois, retornámos à freguesia (de Itajai), onde, favorecidos pela correnteza, chegamos na mesma tarde. — Pags. 292 a 300.

AUSPICIOSO ANIVERSÁRIO

A 18 dêste mês, o município de Gaspar festeja o 25.^o aniversário de sua emancipação política.

Tendo suas origens nas colônias de Pocinho e Belchior, criadas em 1835 graças aos esforços e à decidida interferência de Agostinho Alves Ramos, o fundador de Itajai, Gaspar, desde os seus começos, soube defender e praticar os princípios de ordem, de paz, de honestidade e de trabalho que o tornaram uma comuna digna de ser apontada como modelo.

Seu progresso se vem acentuando de dia para dia e o seu des-

membramento de Blumenau veio, certamente, apressar-lhe o grande desenvolvimento de que pode se orgulhar no presente.

Sua sede é uma cidadezinha bonita e limpa, com bons prédios e alguns estabelecimentos fabris e casas comerciais bem sortidas. A paróquia é dirigida pelos reverendos padres franciscanos.

"Blumenau em Cadernos" congratula-se com as autoridades e o povo do vizinho e próspero município fazendo votos sinceros pelo seu constante engrandecimento.

ITAJAÍ CENTENÁRIO

Nemesio HEUSI

A lei n.º 464, de 4 de Abril de 1859, elevou Itajaí à categoria de Vila e séde do município do mesmo nome, compreendendo o distrito de Itajaí, Camboriu e Itapocorói. Acontece porém que, somente em 17 de Junho de 1860 é que, solenemente, foi instalado o município.

Os festejos do seu centenário serão realizados, segundo acertada resolução do Prefeito Seara, em Junho de 1960, isto porque, até lá, Itajaí melhor poderá receber seus hóspedes para sua festa centenária.

Nem todos gostaram desta transferência dos festejos. Eu pelo menos coloco-me inteiramente, ao lado do Prefeito, e, sabem por que? Não faz muito tempo, isto é, para ser preciso, em Janeiro dêste ano, fui a Itajaí com alguns amigos. Não encontramos hospedagem nem em Cabeçadas, nem na Praia de Camboriu, hotéis lotadíssimos. Resultado, hospedei meus amigos no Hotel Itajaí, na cidade, e fui dormir em Cabeçadas na casa de minha irmã.

A odisséia de meus amigos começou com os quartos. A impressão foi de cadeia pública. Na hora do banho foi pior, uma bicha enorme, só um chuveiro para todo hotel, enfim, uma vergonha, Itajaí, isto é, a cidade, em matéria de hospedagem!

Fêz muito bem o Sr. Prefeito em transferir os festejos; até lá estará pronto o Hotel que constrói, atualmente, o Dr. José Bonifácio Schmitt, e outros melhoramentos surgirão para melhor hospedarmos os que irão nos procurar na nossa festa centenária.

Já que vamos festejar nosso centenário de emancipação política é oportuno fazer algumas sugestões, duma vez que elas compreendam atos de inteira justiça.

Está a Prefeitura calcando e melhorando a antiga Avenida Vasconcellos Drumond. Sugiro que ao invés de Vasconcellos Drumond, que nunca esteve em Itajaí e nada fêz por nossa terra tenha a avenida o nome de Coronel Marcos Konder que é, sem dúvida, o maior Itajaense vivo e aquêle que tudo fêz e ainda faz pela terra que o viu nascer. Nada mais justo, portanto, que Itajaí, ainda em vida, preste ao Coronel Marcos Konder um ato público de eterna gratidão. Marcos Konder tudo merece de Itajaí e do seu povo e a data é a melhor para provarmos o nosso perene reconhecimento.

Outro que lamentavelmente está esquecido e que já é tempo de reverenciarmos a sua memória, dando o seu nome a um logradouro público é o Cel. Agostinho Alves Ramos, que foi sem dúvida, o verdadeiro impulsor do nosso progresso, da nossa grandeza!

O nosso esquecimento é um atestado da nossa ignorância dos verdadeiros fatos históricos de Itajaí; somos hoje, uma cidade de progresso e cultura, e, não é possível, que esqueçamos, aquêle que tudo fêz, tudo deu para que ganhássemos os foros de uma civilização que hoje, deliciosamente, desfrutamos.

Vamos Sr. Prefeito, vamos Senhores Vereadores, provar que não somos injustos com os que construíram a nossa grandeza e a nossa civilização.



RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1856

(CONTINUAÇÃO)

As pontes então serão construídas bem fortes e capazes de resistirem às enchentes, tomando-se ao mesmo tempo a precaução, que com tais obras dispendiosas sempre se devia empregar, de embeber, ou, se isso fôr impraticável, três ou quatro vêzes pintar a madeira com uma solução fervente de 6 a 10 partes de sulfato de cobre, metade do peso dêste de sal ordinário e 100 partes d'água, aquecida num caldeirão de ferro fundido, com uma solução fervente de arsênico branco. O emprêgo deste último é porém perigoso à saúde, quando não se tomar tôdas as cautelas possíveis, e só apropriado à construção, sempre expostas à livre corrente do ar, que consigo leva as exalações arseniosas, muito venenosas. Segundo as experiências feitas nos umbrais dos caminhos de ferro na Alemanha, tal preparação preserva as madeiras por muitos anos contra os fungos, os estragos dos bichos e a podridão e serve pois no Brasil também contra o cupim que não come a madeira assim preparada, contanto que a superfície dela seja pintada ou embebida com a solução de maneira tal que não fique omisso nem a mínima partícula da mesma superfície. Comprando-se o sulfato de cobre em porção maior o seu preço é bastante razoável e, por isto e em consideração das grandes vantagens que o seu emprego oferece, pretendo praticá-lo em tôdas as pontes e mais construções públicas e particulares, que tenha a executar. Além das referidas pontes grandes e suspensas tem mais a fazer 23 com esteios, podendo-se talvez dispensar de 2 a 3 mediante outra direção do caminho ou estivas e servindo para algumas talvez ainda parte das madeiras existentes.

Estas pontes terão o comprimento desde 25 a 110 palmos e calculo o seu custo em 2:000\$000, não excedendo a 3 contos e sendo as pontes bem feitas e preservadas

por meio do sulfato de cobre. As demais pontes existentes, pôsto que precisem de alguns concertos, para torná-las mais duráveis, podem ainda servir por cinco ou mais anos e não são de grande importância; o custo de um geral e durável concerto delas será de 250 a 300\$000, não excedendo 500\$000, incluído o emprego do sulfato de cobre. As despesas com as pontes ao longo do rio, desde o salto até à barra, montam pois à 8 contos de réis, pouco mais ou menos e, tomando-se em conta circunstâncias imprevisitas, prejudiciais e especiais, podem chegar a nove contos. Com esta quantia podem e devem ser construídas de maneira tal, não havendo causas de destruição muito extraordinárias e absolutamente incalculáveis, se conservem por muitos anos. A despesa com estivas, valas, valas laterais e travessas e escavações ainda não executadas não pode calcular-se em menos de 2:000\$000 a 2:500\$000 e contando-se enfim o resto do descortinamento e dos mais trabalhos, para tornar a estrada limpa de cepos e raízes, quanto fôr possível, em 3:000\$000, sai como final resultado a quantia de quinze contos de réis, pouco mais ou menos. Esta quantia, julgo que chegará para fazer uma estrada efetivamente boa e durável, que servirá de imensa vantagem a todo o distrito do Itajaí e de ornamento à Província. A mesma quantia difere porém por pouco mais ou menos dez contos daquela, que originariamente havia calculado como necessária, segundo as minhas experiências imperfeitas dos anos anteriores, e ainda não foi tomada em conta a soma que já despendi. Acho-me pois num dilema muito penoso e ansioso sobre esta matéria e peço licença, que me seja permitido dirigir-me sobre ela ao Governo Imperial e à Presidência desta Província numa memória especial, visto de um lado a utilidade geral desta obra, em

que participa um grande distrito, do outro os imensos estorvos e infelizes vicissitudes, com que lutei e ainda tenho de lutar, como também as enormes despesas, que já fiz e ainda tenho a fazer.

Considerada em si, a dita quantia de quinze contos de réis, seguramente não é grande para uma estrada de dez à doze léguas de comprimento e tantas pontes, e sempre é mais proveitoso para o interesse público e mais econômico fazê-la logo de maneira boa e durável, mas para as finanças da minha empresa esta mesma quantia é enorme e fóra de tôdas as proporções, visto que dela nada será restituído como é o caso com outros adiantamentos.

Para o templo protestante e casa do pastor mandei derrubar, já no inverno, as necessárias madeiras; a grande falta de carpinteiros porém não permitia proceder desde já à construção destes edifícios. Esta falta foi tão grande, que nem me foi possível edificar uma casa para o meu próprio uso e habito, pois, desde a enchente grande, que arrasou aquela que possuía, dois quartinhos no hospedaria da colônia, aturando tôdas as incomodidades de tão estreita morada. Com a quantia de 1:200\$000 que nos meus cálculos consignei para o templo e que nos tempos anteriores me parecia suficiente, todavia nas atuais circunstâncias é impossível edificar um templo, por modesto que seja, porém decente, e tendo sido eu malgrado na esperança de que uma subscrição na minha antiga pátria, contribuía com alguma quantia, acho-me em bastante embaraço sôbre a resolução que tenho a tomar. No entretanto e logo com a chegada do pastor, vou preparar e decentemente decorar um quarto espaçoso no novo rancho de abrigo, que construí de madeiras falquejadas no decurso do ano e que tem 114 palmos de comprimento sôbre 42 de largura. Na barra, foi construído um dito rancho assoalhado e coberto de telhas; não oferecendo porém bastante espaço para grande número de colonos, nestes meses e antes da chegada de novos será alargado. Na mesma ocasião será construído o trapiche para a descarga da ba-

gagem dos colonos. Uma das maiores necessidades do distrito dos rios Itajaí consiste em que os vapores da linha dos portos intermediários, entre Rio de Janeiro e Santa Catarina, toquem na sua barra, como em São Francisco etc. Tendo entrado nela e saído são e salvo os três navios de colonos, acima mencionados, dos quais nenhum calava menos de dez e um de onze pés e meio, é óbvio, que para um vapor, independente do tempo e vento, a entrada é ainda mais fácil e segura e que o ancoradouro oferece bastante e maior fundo para êle, do que o do Rio Grande do Sul. Seria pois muito e muito a desejar, que o Governo Imperial incluía no novo contrato da referida linha o porto do Itajaí cuja importância cresce de ano a ano.

O aspecto geral dos negócios da minha empresa colonial, tomado sob o ponto de vista da vitalidade e prosperidade interna (não obstante os estragos da grande enchente), de um propício futuro, permanente progresso e engrandecimento dela, por meio de uma regular imigração, continua apresentar-se de modo satisfatório e animador. Os casamentos dos filhos dos próprios colonos, na colônia e seus arredores, se multiplicam e seguindo-lhes cada um novo estabelecimento e fogo, é prova que existe confiança de poder contar não com uma magra existência, mas com um próspero futuro. Outra prova é, que o aumento do gado, dos engenhos etc. na colônia não foi feito do cabedal trazido de fóra, mas ganho na colônia e se não houvesse a desastrosa enchente, êste aumento teria sido pelo menos o dôbro do que realmente foi. O contentamento de quase todos os colonos estabelecidos desde algum tempo, se exprime nas suas feições e discussões particulares, e todos anelam só o momento em que possam trabalhar as suas terras por meio do arado; só dois ou três entre êstes tem, que se podem chamar descontentes; mas ao mesmo tempo se pode qualificar o seu amor de trabalho e as suas outras qualidades pelo estado negligente das suas roças e a sujidade das suas casas, apesar de terem recebido as mesmas e às vêzes maiores

subvenções do que os mais. Entre os recém-chegados havia muitos que só vieram para primeiro conhecerem o país, seu aspecto e mais circunstâncias e já me encarregaram de lhes mandar vir os pequenos cabedais que ainda têm na Alemanha. Os capitães dos três navios, que trouxeram colonos à barra deste rio, foram muito satisfeitos e até encantados do belo Itajai: o da barca "Walter" e o seu primeiro piloto, formalmente prometeram tornarem a vir com colonos logo depois da sua volta da Índia a Hamburgo e já compraram, condicionalmente, um sítio, situado uma légua abaixo da colônia, pelo preço de 4:200\$000. O capitão do "Frederik VII" prometeu, igualmente, de tornar de vir por própria conta, com colonos, saindo porém não do pórtio de Hamburgo, mas do de Kiel e tocando em Copenhague, e me pediu, de tomar ou requerer do Governo Imperial as necessárias providências, a-fim de que êle e seu navio possam ser despachados pelo Cônsul Geral do Império, em Copenhague, da mesma maneira como se faz em Hamburgo e irem em direitura à barra de Itajai.

Na Alemanha a Colônia continua de gozar da melhor e bem fundamentada reputação, de maneira que — quase o único exemplo de tôdas as colônias recentemente estabelecidas no Brasil — não foi pela imprensa malevolente e com hostilidade criticada e agredida nem uma só vez. A minha última brochura, que publiquei, apesar e talvez por causa da sua linguagem franca e às vezes acre, em vez de prejudicar a mim e a minha empresa, grangeava a nós ambos muito amigos sendo a melhor prova as muitas cartas de aprovação que recebi de pessoas dispostas a imigrarem para cá.

O meu sobrinho, que eu havia mandado como agente meu à Alemanha e que, há poucas semanas voltava, em toda a parte e tanto da dos governos e das autoridades, como de particulares, que tomam interesse na colonização, foi acolhido com consideração, condescendência e estima, não se levantando contra êle e sua missão nem uma só voz na imprensa alemã,

que raras vêzes deixa escapar tal oportunidade para tocar a rebate e agredir, tanto o representante como o representado, cousa que até agora mui raras vêzes aconteceu a um agente de emigração. Sendo o meu sobrinho agraciado por S. A. o duque soberano de Brunswick, minha antiga pátria, com o seu consulado neste País, cujo exequator já se pediu a Sua Majestade o Imperador, é bem óbvio que goza de certa confiança e consideração e não foi considerado como mero angariador; e tal boa opinião não pode deixar de favoravelmente influir na Alemanha sobre a minha empresa em geral.

De tudo isso, que exhibo, não para satisfazer a uma pueril e ridícula vaidade, mas para evidenciar reais fatos e as efetivas e favoráveis circunstâncias da minha empresa, tanto interiores como exteriores, se pode tirar a conclusão de que ela traz no seu seio todos os germes do mais próspero futuro, os quais só precisam de algum cuidado para se desenvolverem na sua plenitude. Pode-se talvez objectar, que o número dos colonos, chegados no ano passado, não corresponda bem a tais asserções; considerando, porém, quanto a emigração diminuiu na Alemanha, quanto ali se aumentavam a indústria, a atividade comercial e em consequência também os salários das classes trabalhadoras, de maneira que até tem falta de operários no scaminhos de ferro; quanta aversão ainda sempre existe contra o Brasil, e enfim, considerando os resultados obtidos por tôdas as mais empresas coloniais, recentemente estabelecidas no Brasil, com emigrados alemães, aquela objeção perde muito de sua força. A este último respeito a minha empresa não tem a temer comparação alguma e tomando-se em conta os grandes cabedais com que algumas delas, as importantes influências, que no seu favor da Alemanha trabalham e os menores onus, com que são carregadas, entretanto que eu sou restrito só às minhas próprias e fracas forças, à um cabedal que não é meu e não absoluta mas também relativamente é muito inferior, que sou carregado com muito maiores

obrigações e ainda fui perseguido por um mau fado e continuados infortúnios, talvez que a minha empresa a maiores respeito levou a palma à tôdas as mais.

Oferecendo-se, pois, êste lado dos negócios dela sob o aspecto animador e esperançoso outro tal infelizmente não se conteve com o lado pecuniário. As despesas se tornavam enormes, a receita foi e é extremamente diminuta e cumpre-me confessar que falharam quase todos os meus cálculos anteriores. Esta confissão tão franca quanto é dolorosa para mim, todavia não me pode servir e servirá de desar para com qualquer critico justo e equânime e ao mesmo tempo versado na matéria. Os cálculos em que fundei as minhas propostas datam do segundo semestre do ano de 1854 e, logo depois e subitamente, o preço dos jornais dos trabalhadores dobrou, o dos viveres e mais immediatas necessidades da vida não só dobrou, mas parcialmente tri — e por inteiro trimestre quadruplicou e à tal exorbitante subida seguiam novas exigências dos jornalheiros. Assim gastei com todos os

trabalhos mais do dôbro, do que havia calculado e razoavelmente podia calcular, devendo eu v.g. pagar, neste lugar, onde tem bons paus em distância de 40 e 100 braças e emprestando ainda por cima, gratis, os meus bois, para puxá-los, as madeiras falquejadas muito mais caras do que se compram na barra do rio e até na capital da provincia. E assim, a mesma quantia, com que havia calculado, e razoavelmente podia calcular, introduzir e sustentar trezentos colonos não chegou e chega senão para cem e quando muito para cento e cinquenta, subindo com tôdas as mais cousas, também os fretes dos navios costeiros de maneira exorbitante. Sobreveio, também, a desastrosa enchente e além das enormes perdas diretas e indirectas, que me causava, forçava-me a gastos consideráveis, para impedir a total ruína e miséria e até a dispersão de parte dos colonos. Este cabedal será pouco a pouco e com perda não considerável restituído, porém só com a demora de anos, entretanto, fico dele privado para outros fins necessários.

(Continúa)

O QUE DIZEM DE NOS

De S. Excia. Reverendíssima, o sr. Dom Daniel Hostin, dignissimo bispo de Lajes, recebemos a seguinte carta, que pedimos vênia a S. Excia. para transcrever, e com a qual nos sentimos grandemente honrados: "Tenho o prazer de comunicar a V.S. que estou recebendo, regularmente, a preciosa revista "BLUMENAU EM CADERNOS", que, tão gentilmente, me é enviada. De excelente apresentação gráfica, adornada de bellissimas illustrações, "BLUMENAU EM CADERNOS" apresenta aos leitores a história do progressista Vale do Itajaí, recordando as benemerências daqueles que, no passado, tanto trabalharam pelo engrande-

cimento dessa importante parte do Estado de Santa Catarina.

Como antigo vigário de Blumenau, leio, com interesse especial, as páginas de "BLUMENAU EM CADERNOS" e faço os melhores votos a Deus para que tão brilhante mensário continue, fiel ao seu ideal, levando aos lares catarinenses a história de um povo que sempre honrou o Estado de Santa Catarina".

As palavras do illustre antistite lajeano muito nos envaidecem e nós somos muito gratos a S. Excia. pelo precioso estímulo, que elas representam, para que continuemos, com crescente entusiasmo, a trabalhar pelo engrandecimento da nossa terra.

Christiana Deeke BARRETO

NOVEMBRO DE 1958:

Dia 2 — Referente ao caso de não ter fechado o comércio de Blumenau, em 30 de Outubro, dia dedicado ao Comerciante, aparece no jornal "A Nação" um manifesto do presidente do Sindicato de classe, Senhor Guilherme Buch, com fortes acusações aos empregadores. Na edição do dia 8, do mesmo jornal, o cronista Sr. Cássio Medeiros ocupa-se da questão, dizendo ter o presidente da entidade de classe ultrapassado os justos limites de uma crítica àqueles que deixaram de cerrar as portas em 30 de Outubro, e, generalizando, também, a situação do comerciante espezinhado e roubado em seus interesses, que, já que assim o afirma o presidente da classe, deve existir.

Dia 7 — Realiza-se a transmissão de Comando no 23.º Regimento de Infantaria, aquartelado na nossa cidade, ao Ten. Cél. Wolfgango Teixeira Mendonça, pelo Cél. Moziul Moreira Lima, reformado, a pedido. Estiveram presentes ao ato as autoridades civis, militares e eclesiásticas, como os representantes da imprensa escrita e falada. Expressiva homenagem foi prestada ao Cel. Moziul Moreira Lima, que soube conquistar as simpatias do povo blumenauense, e ora se retira para outro Estado, para exercer profissão civil.

Dia 8 — Ocorre pavoroso incêndio no prédio da Prefeitura municipal, destruindo e danificando a parte onde se encontrava instalado o fórum da comarca, sofrendo vários cartórios vultosos e irreparáveis prejuízos, sendo destruída, também, parcialmente, a biblioteca forense "Dr. Amadeu Luz". Devido à pronta intervenção dos corpos de bombeiros da cidade, conseguiu-se deter o fogo na par-

te de ligação do prédio entre as duas alas principais, salvando-se assim a ala ocupada pela administração municipal, tendo sido a única dependência da municipalidade instalada na ala atingida pelo incêndio, o arquivo, local onde, supõe-se, teria se desenvolvido o fogo, e onde foi constatado pelas 22 horas, quando as labaredas e colunas de fumaça começaram a sair pelo telhado, alastrando-se e destruindo em pouco tempo aquela dependência que ocupava o sótão da ala do fórum, de frente aos fundos, e os arquivos forenses, instalados em pequenas sobre-salas no primeiro lance da escada de acesso ao arquivo municipal, — um sobre a "cozinha do café", — outro sobre a sala de um cartório, ficando este, parcialmente, em baixo do Arquivo Municipal, espalhando-se então o fogo para todas as dependências do fórum, destruindo, ainda, uma das salas da ala média, ocupada pela Inspeção de Terras e Colonização, repartição estadual.

As consequências da destruição dos documentos forenses, não são calculáveis por ora, nem as do documentário da administração municipal, guardadas no arquivo, compreendendo os comprovantes das transações de suas repartições, menos as do ano em curso e, pequena parte, do ano anterior, ou seja 1957.

O que compreendemos e sentimos em toda a sua trágica realidade, é a perda do rico patrimônio histórico, o documentário da colonização do Vale do Itajaí, guardado no Arquivo da Prefeitura Municipal, e do qual restam apenas cinzas e uns poucos volumes carbonizados, — tristes relíquias de uma era desaparecida.

Perderam-se os livros de apontamentos e diários, com nítidas anotações, desde 1848, quando o sócio do fundador da Colônia de

Blumenau, Sr. Fernando Hackradt, preparou o primeiro estabelecimento à fôz do ribeirão Velha, para a acomodação dos imigrantes que o Dr. Blumenau traria da Alemanha. Vimos por êstes documentos, totalmente escritos no vernáculo, com o título interessante "Conto dos Diversos", que já naquela época os armadores de Itajaí e Destêrro fizeram subir os seus pequenos veleiros o Itajaí-Açu, para travar relações comerciais, desde logo, com o nôvel núcleo em formação.

Perdeu-se o documento oficial mais antigo da região do Itajaí — um requerimento de demarcação de terras, com as competentes informações e despachos, datado de 1793, firmado, portanto, quase 30 anos antes da fundação oficial de Itajaí, passado às mãos do Dr. Blumenau, que adquiriu essas terras para construção do trapiche para os navios de imigrantes, e a hospedaria para os recém-chegados. — Foram destruídos os célebres manuscritos do Dr. Blumenau e de outros pioneiros da colonização regional; as plantas e mapas geográficos, topográficos e cadastrais, únicos, alguns, no seu gênero até hoje; as extensas coleções de fotografias, constituindo um "retrato" da história de Blumenau; coleções de jornais, boletins, revistas, moedas, clichês, e também, os filmes do Centenário de Blumenau; pastas e albuns organizados com reportagens sôbre os mais diversos assuntos, alguns de interesse internacional, por serem únicos testemunhos de fenômenos históricos, devido à destruição dos arquivos no continente europeu, durante as duas grandes guerras do nosso século. Perderam-se assuntos curiosos como a reportagem sôbre a primeira exposição agrícola - industrial de Blumenau na 3.^a década de sua colonização, publicada no jornal "Regeneração" de Florianópolis, então Destêrro, onde admiramos, surpresos, o que a colônia então já produzia, incluindo a relação dos expositores, nomes femininos luso-brasileiros, figurando como artigos expostos tecidos feitos à mão, fatos hoje ignorados e esquecidos. Não existem

mais os documentos básicos para a pesquisa genealógica da região, já muito consultados, os livros de matrícula dos imigrantes, ou antes "imigrados" de Blumenau, pois marcava o nome de todos que aqui se estabeleceram, entre os estrangeiros também os primeiros grupos de brasileiros lusos, que compraram lotes em fins da sexta década do século passado na região de Rio Morto, no atual município de Indaial.

Entre todo o vasto e valioso material destruído pelas chamas, lembremos, ainda, uma excepcional obra de arte, a "Crônica de Itoupava Seca", um livro que impressiona já pelo seu tamanho e apresentação — com a capa coberta de pano grosso, enfeitada de taxas decorativas de altas cabeças quadradas. Era confeccionada no melhor papel estrangeiro, tendo sido comprado o material para a obra às expênsas do Cél. Pedro Cristiano Feddersen, personagem de destaque social, político e comercial do bairro.

A obra havia sido organizada pelo professor da escola particular da comarca, — (hoje o Grupo Escolar municipal "Machado de Assis") Sr. Max Humpl, com a colaboração na composição de sua história, de moradores antigos da localidade, cujos testemunhos, como dizia no prefácio, confrontara para apresentar o relato mais objetivo possível, dos acontecimentos, mencionando, ainda, a valiosa colaboração prestada neste setor, pelo benemérito cidadão Sr. Theodoro Lueders, antigo arquivista da Prefeitura Municipal e historiador da região. A transcrição do belo livro fôra efetuada pela professora Dna. Maria Wohl-muth — mais tarde Sra. Max Humpl, — à mão, em caligrafia clássica, impecável, com as letras iniciais dos capítulos pintados à aquarela, simbólicas do assunto — a do capítulo sôbre agricultura por exemplo, num plano de plantação de aipim e milho, formando a letra uma bananeira carregada, com o cacho executado nitidamente, com tôdas as suas características.

A "Crônica" abrangia todos os setores da vida do bairro, — desde os seus primeiros anos de existên-

cia, na 5.^a década do século passado, até o ano de 1918, quando foi concluída, dando conta de tudo que aconteceu, existiu ou afetara, de qualquer maneira, a vida daquela comuna.

Se existir, como consta, ainda uma cópia do assunto, esta não substituirá, jamais, a bela obra desaparecida junto com os demais documentos do grande patrimônio reduzido a cinzas na noite de sábado, 8 de novembro, pelas chamas que, dentro de tudo que destruíram, eliminaram também os vestígios da origem da horrível catástrofe.

Dia 6 — Surge uma greve dos motoristas dos carros tanques de gasolina, de Paraná e Santa Catarina, com o objetivo de obter aumento de vencimentos, movimento que representava ameaça de colapso de todo o sistema rodoviário, e de prejuízos avultados para muitas indústrias. A satisfação pela resolução do caso é geral.

Dias 8, 9, 10 — Tem lugar a já tradicional Exposição de Orquídeas, desta vez armada no edifício do Banco Inco, ora desocupado para reconstrução. O belíssimo certame é visitado por milhares de pessoas, de tôdas as classes sociais, tendo a comissão julgadora classificado, — de uma categoria o expositor Sr. Othelo Lorguns em primeiro lugar, de outra — o Sr. Ralf Gross.

Dia 9 — A sociedade das senhoras evangélicas, — entidade que mantém a Maternidade "Elisabeth Koehler", realiza seu bazar anual, com o apreciado serviço de café, tómbola, rifas, roda da sorte e stand de venda de belíssimos bordados, executados pelas senhoras da sociedade, como de artigos e mercadoria doados pelo comércio local e particulares, constituída principalmente de tecidos, como jogos de toalhas de mesa e banho, toalhas de mão e de prato, além de outros objetos.

Dia 11 — A Sociedade dos Amigos de Blumenau realiza uma assembleia geral no Teatro Carlos Gomes, para a eleição da nova

diretoria, que dirigirá os trabalhos nos próximos 3 anos. O resultado acusa a reeleição de todos os seus membros. São exibidos filmes documentários coloridos, sendo um dos festejos do Centenário de Blumenau, outro "Novos aspectos de Blumenau" e, ainda, "Primavera".

Dia 12 — Em breve revista chega a esta cidade S. Excia. o Embaixador da Áustria, Sr. Hermann Cohnn. Devido ao incêndio ocorrido dias antes no prédio da Prefeitura Municipal, onde ainda não fôra tudo devidamente desobstruído, na ala que se conseguiu preservar do incêndio, prejudicada, contudo, pela ação dos bombeiros, com vidraças quebradas pelo calor do fogo, e móveis e documentos retirados na ocasião, agora a serem reorganizados, não foi feita recepção oficial, cumprimentando S. Excia. apenas, em curta visita, o Sr. Prefeito da Cidade.

Dias 13 e 14 — Nêstes dias, hospeda a nossa cidade o representante diplomático dos Estados Unidos da América do Norte para os Estados do Paraná e Santa Catarina, Cônsul J. E. Wiedemeyer. A diretoria do Lions Clube oferece uma recepção ao ilustre diplomata que também é membro desta organização, para a qual convidou-se a colônia norte-americana da cidade, representantes da imprensa e amigos de S. S.

Dia 14 — O Tabajara Tennis Clube realiza um baile comemorativo ao seu 13.^o aniversário de fundação. A competição de ténis, anunciada para a data, com campeões dêste esporte, dos quais alguns já disputaram na pista de Wimbledon, foi transferida para outra data.

Dia 15 — Os ginastas suíços, há muito tempo anunciados, dão os seus espetáculos notáveis, um no Teatro Carlos Gomes, outro no estádio do Grêmio Esportivo Olímpico, apresentando, além do seu notável esporte, música típica da terra helveciana.

Dias 24 / 29 — Promovida pelo Ministério do Trabalho, realiza-se

a "Semana da Prevenção de Acidentes do Trabalho" na nossa cidade, que é pela segunda vez sede deste certame estadual, que obtém amplo êxito. Após a visita às indústrias principais, no último dia de reunião, encerra-se o congresso com um almôço de confraternização na sede do Grêmio Esportivo Olímpico.

Dia 28 — Inaugura-se no Teatro Carlos Gomes uma curiosa e original exposição de um trem elétrico miniatura, ocupando todo o espaço do vasto salão do Carlos Gomes, iniciativa do proprietário do "Foto Universal".

Dias 29 e 30 — Estreiam, pela 2.^a vez, na nossa cidade, os famosos "Zugspitz Artisten", com apresentação em praça pública, em

frente ao Hotel Rex, onde colocaram o cabo de aço, sobre o qual realizam as suas arriscadas proezas.

Dia 30 — Realiza-se a excepcional festa aquática, primorosamente preparada, na qual concorrem esportistas de Brusque, Itajaí e Joinville, além dos competidores locais. Enorme massa popular acompanha o transcorrer das provas de motonáutica, natação e outras, que se constituiu em sucesso absoluto do interessante festival, retransmitido pelas emissoras locais, informando alto-falantes instalados na Praça Hercílio Luz, em frente ao ponto principal da pista natural representada pelo Itajaí-Açu, sobre o transcurso dos certames de longa distância, como as de lancha Gaspar — Blumenau, etc..



A DESIGNAÇÃO de "Caixa d'Aço", dada ao costão sul da enseada das Garoupas (Pôrto Belo) já era conhecida em 1653, época em que um certo Daniel Gonçalves, que se dizia ser "o mais prático de toda a costa do Sul e morador antigo de S. Francisco do Sul "mandara informações a Pedro de Souza Pereira, Administrador geral do Rio de Janeiro, sobre as bondades da terra".

No entender de Daniel, "porto algum da nossa costa meridional, abaixo de São Francisco, apresentava as vantagens da enseada das Garoupas, muito grande, tendo de largura duas léguas, limpo e toda a abra navegável. Ótima a sua entrada, desembaraçada e de muito fundo, sem risco algum de ventos e protegida por uma penedia e uma ilha. Apresentava aquêle recôncavo enorme área que constituia um dos melhores fundeadouros de toda a nossa costa, onde não havia vento algum que ofendesse e alterasse os mares".



NO seu relato sobre a exploração da costa catarinense em 1711, o sargento mór Manoel Gonçalves de Aguiar, que a explorou minuciosamente, informa que "a cinco léguas das Garoupas (Pôrto Belo), em lugar inteiramente despovoado, minerava o capitão Miguel Dias (provavelmente de Arzão) que ali vivera com sua mãe e irmãos. De lá se mudara, porém, para São Francisco por se terem exgotado as po-bríssimas faisqueiras que explorava junto ao rio Taehi (o Itajaí?)"

A Sociedade Dramático-Musical “Carlos Gomes”, em Blumenau

Frederico Kilian

A 2 de Dezembro de 1859 foi fundada em Blumenau a primeira sociedade recreativa, com o nome de Sociedade de Atiradores de Blumenau. Foram seus fundadores os Srs. Wilhelm Friedenreich, Victor von Gilsa, Victor Gärtner, Dittmar, Petermann, Zimmermann e Pastor Oswald Hesse. Foi eleito seu primeiro presidente o sr. Wilhelm Friedenreich. Esta Sociedade possuía também uma secção teatral, e um grupo de cantores. Mais tarde a secção teatral e os cantores se separaram da Sociedade de Atiradores, formando sociedades próprias, sendo que a sociedade de cantores foi fundada pelo Pastor Oswald Hesse, em Maio de 1863, tendo o Sr. Victor Gaertner como primeiro presidente. A novel sociedade adotou o nome de Sociedade de Cantores da Colônia de Blumenau, mudando este nome, mais tarde, para “Germânia” e a Sociedade Teatral decidiu, no ano de 1885, chamar-se Sociedade Teatral “Frohsinn”. Antes o grupo teatral funcionava junto com a Sociedade de Atiradores, tendo até, entre os seus componentes, angariado os necessários fundos para fazer um aumento no prédio da Sociedade de Atiradores, destinado ao palco e vestiário. Nessa primeira etapa, de 1860 a 1885 o corpo cênico era constituído pelos seguintes amadores: Sra. Roese Gaertner, Sra. Meyer, Sra. Gloeden, Clara Breithaupt, Marie Breithaupt, Meta Friedenreich, Srt^a. Wendeburg, Sra. von Hartentahl, Clara Schreep, Ida Peters e dos Srs. Rudolf Krausen, Hermann Ruediger, Heinrich Froehner, Blomeyer, Christian Schmidt, Alfred Beims, Otto Freygang, Ernst Hertel, Leopoldo Hoeschl, Theodor Lueders, Schott, Schwartz e espôsa. Nesse período não possuía o grupo pròpriamente presidente, mas simplesmente um pequeno grupo dirigente dos ensaios, sendo o casal Victor e Roese Gaertner o maior animador de tôdas as atividades da sociedade teatral. Após a fundação da Sociedade Frohsinn, esta adquiriu um terreno na antiga Rua das Palmeiras, onde hoje é a sede da Empresa Força e Luz, ali construindo um prédio para o teatro, que ficou concluído em princípios de 1896. Após o falecimento de D.^a Roese Gaertner, em 1900, e que até então era a principal dirigente da sociedade, foi eleito o Sr. Gustav Salinger, que ficou na presidência até o ano de 1917, retirando-se da diretoria devido sua avançada idade. Assumiu então a presidência a Sra. Nanny Poethig, que convocou uma assembléia, na qual foi eleito o Sr. Augusto Zittlow, presidente, exercendo este cargo por 23 anos a contento de todos. A Diretoria então eleita era composta dos seguintes membros: Presidente: Augusto Zittlow, Secretário: Otto Rohkohl; Tesoureiro: Rudi Kleine; Regisseur: Sra. Nanny Poethig, Decorador: Maria Lungershausen. De 1920 até 1935, a Sociedade Teatral “Frohsinn” levou à cena inúmeras peças, contribuindo assim decisivamente para que Blumenau gozasse do conceito de centro de elevada cultura. Seguem aqui alguns dados estatísticos: No ano de 1921 foram levadas à cena 6 peças, em apresentações. — Em 1922: 9 peças; Em 1923: 5 peças; 1924: 4 peças; em 1925: 4 peças; 1926: 4 peças; 1927: 3 peças; 1928: 6 peças; 1929: 3 peças; 1930: 3 peças; 1931: 2 peças; 1932: 3 peças; 1933: 4 peças; 4 peças; 1934: 2 peças; 1935: 2 peças. Tôdas as peças foram reprisadas, algumas por várias vêzes, sendo de observar ainda que entre as mesmas figuravam também operetas e uma ópera. A Sociedade de cantos “Liederkranz” reuniu-se à Sociedade Teatral Frohsinn e em 1938 houve a fusão da “Frohsinn” com o “Clube Musical” sob a atual denominação de Sociedade Dramático-Musical “Carlos Gomes”, que teve como seu primeiro Presidente o saudoso blumenauense, Sr. Curt Hering. Suas atividades musicais — Orquestra sinfônica e Côro orfeônico — vem sendo dirigidas desde essa época pelo competente maestro e compositor Heinz Geyer. Após a renúncia do Sr. Curt Hering, foi Presidente da S.D.M. “Carlos Gomes” o Sr. Dr. José Ribeiro de Carvalho até o ano de 1949. De 1949 a 1956 foi Presidente o Sr. Leopoldo Colin e dêsse ano até a presente data o Sr. Willy Sievert.

Uma Retificação

Do nosso prezado amigo e assinante, sr. Werner Ahrens, de São Paulo, recebemos a seguinte carta a que, com prazer, damos acolhida em nossas páginas :

“Com grande satisfação estou continuamente lendo a publicação “Blumenau em Cadernos”, de grande proveito para o estudo da história do Vale do Itajaí.

O motivo desta minha carta é uma notícia, publicada no número 12, do Tomo I, na página 236, referente ao vôo do ministro Victor Konder sobre a cidade de Blumenau, em 23 de novembro de 1927.

Como aerofilatelista e, especialmente estudioso do incipi oda aéro-navegação comercial do Brasil, posso lhes afirmar que a referida notícia publicada não é exata. Examinando, para os meus estudos, jornais da época verifico que a situação histórica é a seguinte:

Quando, em 1926, o sr. Oto Ernst Meyer, posteriormente fundador da VARIG, se achava na Alemanha, para providenciar em contacto com a firma comercial KONDOR SYNDIKAT, de Berlim, as bases para a organização de uma empresa de aéronavegação no Brasil, o referido KONDOR SYNDIKAT determinou mandar transferir o hidro-avião “Atlântico”, tipo “Dornier-Wal” (não Wall), com a matrícula alemã D-1012 da Colômbia, onde estava executando serviço na S.C.A.D.T.A. (Sociedad Colombo-Alemana de Transportes Aéreos), para o Brasil. Este vôo foi executado sob o comando do comandante Hammer, participando, como único passageiro, o ex-chanceler e ministro Dr. Luther, via Peru, Chile, Argentina e Uruguai, para o Brasil.

O hidro-avião “Atlântico” alcançou território nacional, vindo de Montevideu, em 19 de novembro de 1926, descendo na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Seguindo a viagem, o “Atlântico” chegou no dia 22 a Florianópolis, partindo às 15,30 horas e, passando sobre Blumenau, seguiu para São Francisco. No dia 24 de novembro foi reiniciado o vôo, terminando em Santos, e, finalmente, o “Atlântico” chegou ao Rio de Janeiro no dia 27 de novembro, às 13,40 horas.

Logo depois o comandante Hammer entrou em conversações com o ministro Victor Konder, o qual foi convidado para um vôo para o sul. Este vôo realizou-se de 1.º a 4 de janeiro de 1927, partindo do ancoradouro provisório no Yacht Club Brasileiro, de Niterói, para Santos, São Francisco, Florianópolis. De Florianópolis tomou parte na viagem o Dr. Adolfo Konder, governador de Santa Catarina. Neste vôo de volta, o “Atlântico” sobrevôou Blumenau (não posso indicar a data certa), seguindo para Itajaí, onde os irmãos Konder visitaram a sua mãe. No vôo de retorno, o hidro-avião desceu em Santos, partindo dali em 4 de janeiro, às 9,30 e terminando essa excursão aérea no Yacht Club Brasileiro, em Niterói, onde os passageiros e a tripulação almoçaram.

Em comemoração do 3.º aniversário deste vôo, o “Sindicato Con-dor Ltda.” emitiu um selo aéreo comemorativo, no valor de 2\$000, impresso na Casa da Moeda, numa tiragem de 20.000 exemplares, com

a efígie do ministro Victor Konder e a inscrição: "Comemoração do início da Aviação Comercial no Brasil 1927 — Janeiro — 1930".

Desta maneira está comprovado que o ministro Victor Konder passou sobre Blumenau, no hidro-avião "Atlântico", não no dia 23 de novembro de 1926, mas nos primeiros dias de janeiro de 1927.

Acho conveniente que "Blumenau em Cadernos" publique uma retificação na base das minhas informações acima para evitar que se perpetue um erro histórico.

Eu sou ligado por laços familiares a Blumenau, de vez que o dr. Hermann Blumenau foi casado com a sra. d.^a Berta Repsold, irmã de minha avó, Agnes Ahrens, nascida Repsold."

Aí fica a retificação. E muito agradecemos ao Sr. Ahrens a gentileza das informações que presta sobre assunto tão interessante, como seja a viagem do nosso conterrâneo Victor Konder no "Atlântico", pioneiro da aviação comercial em nosso país.

As páginas de "Blumenau em Cadernos" estarão sempre à sua disposição.



EFEMERIDES

MARÇO

★ 26 de 1726 — Destêrro (hoje Florianópolis) foi criado Vila sob a invocação de Nossa Senhora do Destêrro.

★ 7 de 1739 — O brigadeiro José da Silva Paes assume as funções de primeiro governador de Santa Catarina.

★ 18 de 1818 — Por Aviso Régio desta data, da Repartição do reino, foi mandada estabelecer uma colônia na enseada das Garoupas com colonos vindos de Ericeira, Portugal. Êsses colonos chegaram no ano seguinte, em número de 110 pessoas de ambos os sexos. Foi encarregado de fundar e dirigir a colônia o intendente de marinha, conselheiro e chefe de esquadra, Miguel de Souza Melo e Alvin. Grande parte dêsses colonos não se deu nem mesmo ao trabalho de iniciar atividades agrícolas, ou da profissão que exerciam na pátria de origem. Venderam os apetrechos recebidos e abandonaram as terras que lhes haviam sido dadas, dirigindo-se para outros pontos da província. Alguns mesmo regressaram à Europa. Essa fundação é a origem da atual cidade de Porto Belo, que completa, assim, neste ano, 141 anos de existência.

★ 29 de 1835 — Nasce em Johaneshagen, na Pomerânia, o engenheiro Emílio Odebrecht. (Ver a biografia dêsse ilustre blumenauense no tomo 1.^o, dêstes "Cadernos" pág. 135).

★ 15 de 1836 — Em carta desta data, Agostinho Alves Ramos, deputado à assembléia provincial, fundador de Itajaí, e diretor da colônia Pocinho-Belchior, criada no ano anterior, dirigiu-se ao presidente da província propondo a transferência dos açoristas, já aclimatados, para o interior da província, porquanto: “existe concentrada na ilha uma superabundância de população que se assevera dar, com pouca diferença, mil habitantes por légua quadrada, cuja penúria obriga a uma migração constante para o continente do sul, nem querendo povoar os sertões da terra firme, pelo temor do bugre” (Jacinto de Matos — “Colonização de S. Catarina”).

★ 5 de 1865 — Tendo sido despejada da casa que alugara de um particular, a Câmara de Itajaí consegue alugar outra, mas tão pequena que, nesta data, o presidente do legislativo municipal declarava, em ofício, que a mesma era uma construção sem nenhuma comodidade e sem segurança alguma.

★ 20 de 1761 — Nasce, no Destêrro, o Irmão Joaquim, fundador da Santa Casa de Misericórdia de Florianópolis, da de Pôrto Alegre e de vários outros estabelecimentos pios e de caridade.

★ 3 de 1839 — Por decreto desta data, foi criada a freguesia da Penha do Itapocorói. Eis o teor do decreto: “João Carlos Pardal, presidente da Província de Santa Catarina. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia legislativa provincial decretou e eu sanciono a resolução seguinte: Art. 1.º — O curato de Nossa Senhora da Penha do Itapocorói formará uma freguesia com os mesmos limites que ora tem desde o rio Gravatá até o Itapocu, continuando a pertencer ao termo da vila de São Francisco. Art. 2.º — Edificar-se-á a igreja parquial com a invocação de Nossa Senhora da Penha no mesmo sítio das Picarras e no lugar da antiga capela da mesma invocação; e o respectivo pároco receberá os vencimentos que percebem os mais párocos da província. Art. 3.º — Fóra da igreja far-se-á um cemitério onde sòmente poderão sepultar-se os cadáveres. Art. 4.º — Fica sem vigor qualquer disposição em contrário.” (Está, assim, a atual sede do município da Penha festejando, neste mês, o 120.º aniversário de sua elevação à freguesia).

★ 31 de 1824 — Provisão do bispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano da Silva Coutinho, demarcando o distrito de Itajaí e nomeando seu cura a Frei Pedro de Agote, autorizando a benzer a capela e cemitério. (Ver o artigo de Lucas A. Boiteux às páginas 115 e outras do 1.º Tomo destes “Cadernos”).

★ 28 de 1881 — Pela lei n.º 920, desta data, a freguesia de São Luiz de Gonzaga (atual Brusque) foi elevada à categoria de município.

★ 15 de 1881 — Pela lei 917, desta data, foram designados os limites da freguesia do SS. Sacramento do Itajaí: ao norte o rio Gravatá, partindo daí para o ocidente até encontrar a foz do rio Peixe, afluente do rio Luiz Alves. Ao sul, o ribeirão da Praia Brava, partindo daí para o ocidente até o Ribeirão da Limeira, afluentes do Itajaí Mirim. A leste o oceano e a oeste a linha que, partindo da foz do rio do Peixe vai encontrar a foz do ribeirão da Ilhota ou das Minas (afluentes do rio Itajaí-Açu) e daí até encontrar o ribeirão da Limeira.”

★ 13 de 1912 — Foi sancionada, pelo Superintendente municipal de Blumenau a lei que elevou à categoria de distritos de paz as vilas de Bela Aliança e Hammônia.

★ 18 de 1912 — Por decreto desta data foi designado o dia 28 de abril para a eleição de juizes de paz de Bela Aliança e Hammônia.

★ 23 de 1861 — Cristina Otília Apolônia Buettner é nomeada professora pública interina da colônia S. Pedro de Alcântara. Depois passou-se para Brusque.

★ 1.º de 1916 — Foi criada, nesta data, uma escola mixta em Pomeroda, Blumenau.

★ 21 de 1916 — Por ato do govêrno do Estado, foram designados o Dr. Gustavo Lebon Regis e o Cel. Carlos Renaux para representarem o Estado na Conferência Algodoeira.

★ 16 de 1915 — Por decreto desta data foi o govêrno do Estado autorizado a auxiliar a publicação do “Dicionário Histórico e Geográfico de S. Catarina”, de autoria do dezembargador José Boiteux e também a adquirir cem exemplares da obra do mesmo autor “Os partidos políticos de S. Catarina”, pelo preço de Cr\$ 200,00.

NOTÍCIAS

de

BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias

ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO

na Província de Santa Catarina

IMPÉRIO DO BRASIL

por

D. Arcângelo Ganarini

—★—

Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX

—★—

(CONTINUAÇÃO)

Por tôda parte a mesma monotonia da floresta, impedindo o exame da configuração do terreno em que nos encontramos, ocasiona tristeza, que aumenta com os bramidos estranhos nunca ouvidos por quem não seja dos mais corajosos. Por mais de uma vez temos visto familias, dois ou três dias após sua partida para as terras distantes, voltarem atraz ao pri-

meiro sitio, por não terem podido resistir ao terror de encontrarem-se em um lugar tão êrmo. Ajunte-se a isto as longas e fatigantes caminhadas a que se é obrigado para alcançar onde prover-se de viveres; e, no caso de moléstia, a grande distância do médico, da farmácia, do padre, passar ali meses e meses sem poder assistir uma santa missa, ver transportar os

próprios mortos a um cemitério distante sem poder acompanhá-los, ter crianças em casa de muitos meses sem estarem batizados, — e ter-se-á uma pálida idéia da vida que deve levar um colono nos primeiros meses que se chega à esta terra. Em Nova-Trento, com o encontrar-se ali bom número de colonos, apareceram logo casas comerciais com gêneros de primeira necessidade, depois alguns artesãos ali estabeleceram suas oficinas de calçado, de alfaiate, de marceneiro.

Durante a abertura da estrada carroçável para Brusque, puzeram-se em comunicação com São João Batista por meio do rio, de onde se traziam açúcar, café, cachaça, animais para o córte, feijões que os genevêses e brasileiros ali estabelecidos vendiam mais barato do que os encontrados em Brusque.

Aberta a estrada, Nova-Trento encontrou-se ligado com dois centros e os carreteiros realizavam bons negócios transportando gêneros de S. João para Brusque.

O govêrno fêz ali construir uma casa para uso da Direção e uso do engenheiro encarregado do distrito; fêz construir uma ponte sôbre o ribeirão do Alferes, e mandou abrir uma agência de correio. Também os negociantes e os artifices construíram boas casas e bastante cômodas, dispostas regularmente no povoado e com hortas nos fundos. Duas fábricas de cerveja já estão funcionando, uma alemã e outra de quatro irmãos naturais de Róvere, que sabem manter-se unidos e trabalhar de acôrdo. Ao longo do ribeirão do Alferes, além da velha serraria, está se construindo outra; mais abaixo dois moinhos e uma atafona. Quasi em frente a Nova Trento, na outra margem do rio do Braço, foi erguida uma dúzia de casas, que se me afiguram Piedicastello, além do Adige. Um quilômetro e meio ao oriente de Nova-Trento, na estrada que se dirige a S. João Batista, em uma fértil planura formada pelas aluviões do Braço, surge um povoado de várias famílias, que tomou o nome de Besenello para conservar o da antiga pátria. É um dos sí-

tios que nos faz esquecer estarmos no Brasil, e parece que respiramos outra vez os ares nativos. O dialeto, o assunto de suas palestras, o freqüente recordar os lugarejos em que passaram tantos anos de sua existência, nos faz acreditar estarmos assistindo uma reunião de campônios, que nos sermões de sua igreja e dos seus vigários não sabem distingui-los do nevoso e áspero Scanuppia e os prognósticos sôbre os futuros réditos. Em todo o distrito não existe um sítio tão feliz mercê a fertilidade do terreno e comodidade de comunicações. Aquela gente, mal construiu um teto para abrigo das próprias famílias, pôs-se logo de acôrdo em erigir um oratório onde colocaram um grande Crucifixo, que haviam trazido de sua pátria, e que nos anos passados na Sexta-feira santa levaram em procissão até Nova-Trento. Mais tarde o oratório foi ampliado em forma de capela, que embora pequena não lhe falta torre nem sino, que por três vêzes ao dia, com seu dobre argentino soergue o coração do colono, e às sombras da noite o convida a rezar o rosário. Em o nosso país, por estarmos acostumados, não causa impressão a voz do sino; mas quando se passam meses e anos sem tê-la mais ouvido, toca ao coração como coisa sagrada e venerável, e nos recorda uma multidão de afeições mais fácil de imaginar do que descrever. Em vários outros lugares, além de Besenello, tinham os colonos erguido ermidas, para que o padre a elas concorresse algumas vêzes no ano a fim de rezar a santa missa, confessar a população, doutrinar as crianças e realizar alguns dias de festa de acôrdo com o tempo disponível.

Sòmente Nova - Trento estava sem nenhuma, não que a gente deixasse de ser religiosa, mas porque se esperava que o govêrno a fizesse construir à sua custa como havia prometido. De fato, já em 1877 haviam sido designados dois mil florins (2 contos) para êsse fim, mas, mal se haviam lançado algumas pedras nos alicerces, foram, não sabemos a razão, suspensos os trabalhos.

(Continúa)

EMPRESA FÔRÇA E LUZ SANTA CATARINA S.A.

ALAMÉDA DUQUE DE CAXIAS, N.º 63
BLUMENAU — SANTA CATARINA
CAIXA POSTAL, N.º 27
ENDERÊÇO TELEGRÁFICO : FÔRÇALUZ



CONCESSIONÁRIA dos serviços de fôrça e luz nos municípios de:

Blumenau — Gaspar — Ilhota — Itajaí — Brusque

Indaial — Timbó — Rodeio — Ibirama — Pre-

sidente Getúlio — Rio do Sul — Taió

Rio do Oeste e Trombudo Central

todos da região do Vale do Itajaí.

PROPRIETÁRIA das Usinas:

“Salto” — 7.000 KW

“Cedros” — 8.000 KW

“Diesel” — 3.000 KW

EM CONSTRUÇÃO :

Usina “PALMEIRAS — 18.000 KW

Fábrica de Tecidos
Carlos Renaux S. A.
BRUSQUE - SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

« R E N A U X »

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE
CÓRES FIRMES E
ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÔRTO ALEGRE E BLUMENAU
REPRESENTANTES EM
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR
BELO HORIZONTE — FORTALEZA
MACEIÓ

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.

Matriz : ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVASCr\$ 240.000.000,00
DEPÓSITOS EM 28-2-59Cr\$ 3.329.332.393,40

Agência no Distrito Federal Rua Visconde de Inhaúma, 134 C

Agências em São Paulo Rua do Carmo, 66 e
Rua São Bento, 341

Agência em Curitiba Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis Praça 15 de Novembro, 9

Agências no Estado de Santa Catarina : Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitiba-nos, Estreito, Gaspar, Guaramirim, Henrique Lage, Ibirama, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Lauro Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

Agências no Estado do Paraná : Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo : Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Serfzinzinho e Taubaté.

Agência no Estado do Rio de Janeiro : Barra Mansa.

Escritórios no Estado de Santa Catarina : Biguaçu, São José e Urubici.

Escritórios no Estado de São Paulo : Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sousas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

Abra uma conta no INCO e pague com cheque !